

**Território em (re)construção: desterritorialização e
reterritorialização no Conjunto Habitacional João Domingos
Netto em Presidente Prudente–SP**

*Territorio en (re)construcción: desterritorialización y
reterritorialización en el Conjunto Habitacional João Domingos Netto
en Presidente Prudente–SP*

E2_09 - Territórios, Entre Escalas e Temporalidades

João Pedro Pereira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FAAC UNESP), Brasil
joao.p.pereira@unesp.br

Hélio Hirao

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT UNESP), Brasil
helio.hirao@unesp.br

Thamine de Almeida Ayoub Ayoub

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FTC UNESP), Brasil
thamine.ayoub@unesp.br

Resumo: Máximo de 300 palavras. Times New Roman, tamanho 12. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Nulla nec arcu a dolor interdum efficitur. Nunc diam est, suscipit eu pulvinar at, accumsan at sem. Nulla hendrerit vulputate lacus in varius. Mauris condimentum viverra aliquam. Vivamus tempor quam et augue aliquet viverra. Nam sed quam mauris. In ut quam dapibus, porttitor eros eget, finibus orci. In condimentum egestas quam sit amet posuere. Nullam eget iaculis erat. Nunc eu consectetur ligula, ut consectetur lorem. Morbi laoreet dolor sit amet ullamcorper aliquet. Sed dolor ex, laoreet congue turpis non, volutpat efficitur enim. Maecenas ac elit nec erat volutpat pulvinar. Integer sed sapien faucibus, placerat leo ac, aliquam erat. Donec varius tellus in magna hendrerit ultrices. Fusce pretium leo nec metus vestibulum, vitae iaculis purus luctus. Nulla pharetra nulla ligula, eu molestie odio auctor euismod. In pulvinar tristique nibh, id fermentum risus sodales at. Proin pulvinar mollis sem, in imperdiet lorem vehicula consequat. Nam suscipit justo sem, a varius leo maximus id. Morbi non lectus eu dui sollicitudin cursus ut ut eros. Etiam hendrerit aliquam quam, eu consequat dolor efficitur ut. Proin vestibulum porta sapien, sed efficitur metus. Mauris efficitur imperdiet nisl id tempor.

Palavras-chave: diretrizes; submissão; artigo; modelo; cidade.

Resumen: Máximo de 300 palavras. Times New Roman, tamanho 12. Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Nulla nec arcu a dolor interdum efficitur. Nunc diam est, suscipit eu pulvinar at, accumsan at sem. Nulla hendrerit vulputate lacus in varius. Mauris condimentum viverra aliquam. Vivamus tempor quam et augue aliquet viverra. Nam sed quam mauris. In ut quam dapibus, porttitor eros eget, finibus orci. In condimentum egestas quam sit amet posuere. Nullam eget iaculis erat. Nunc eu consectetur ligula, ut consectetur lorem. Morbi laoreet dolor sit amet ullamcorper aliquet. Sed dolor ex, laoreet congue turpis non, volutpat efficitur enim. Maecenas ac elit nec erat volutpat pulvinar. Integer sed sapien faucibus, placerat leo ac, aliquam erat. Donec varius tellus in magna hendrerit ultrices. Fusce pretium leo nec metus vestibulum, vitae iaculis purus luctus. Nulla pharetra nulla ligula, eu molestie odio auctor euismod. In pulvinar tristique nibh, id fermentum risus sodales at. Proin pulvinar mollis sem, in imperdiet lorem vehicula consequat. Nam suscipit justo sem, a varius leo maximus id. Morbi non lectus eu dui sollicitudin cursus ut ut eros. Etiam hendrerit aliquam quam, eu consequat dolor efficitur ut. Proin vestibulum porta sapien, sed efficitur metus. Mauris efficitur imperdiet nisl id tempor.

Palabras-clave: directrices, sumisión, artículo, modelo, ciudad.



Introdução

A periferia urbana passa a assumir centralidade nos estudos urbanos a partir das décadas de 1960 e 1970, onde o debate crítico acerca do urbanismo apontava que a produção desigual do espaço era elemento constitutivo das cidades capitalistas. Lefebvre (2011), ao analisar o processo de urbanização provocado pela industrialização e pelo controle estatal do território, evidencia que formação de periferias não é algo imanente, mas um produto direto da lógica do capital, um espaço que tensiona o direito de habitar e a racionalidade econômica.

Em diálogo, Miraftab e Huq (2024) argumentam que a atuação do urbanismo capitalista, sobretudo no Sul Global, reforça interesses mercadológicos na divisão do espaço urbano, tendo como desdobramento a segregação socioespacial, a precarização das condições de vida e o aprofundamento das desigualdades, sendo a periferia o lócus dessas contradições.

No Brasil, ao longo das últimas duas décadas observou-se a presença mais marcante do Estado na urbanização das periferias, especialmente durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), por meio de políticas econômicas, sociais e habitacionais como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o Minha Casa Minha Vida (PMCMV) (Richmond; Jesus; Legroux, 2025). Embora tenham ampliado investimentos e formalizado parte da produção do espaço periférico, tais programas “não representaram uma ruptura total com o passado” (Richmond; Jesus; Legroux, 2025, p. 4). Na prática, os empreendimentos de habitação de interesse social reiteram padrões históricos de segregação ao reproduzir uma lógica institucionalizada que empobrece, homogeneiza e fixa as populações de baixa renda em áreas periféricas, reforçando a desigualdade urbana sob o pretexto de inclusão habitacional.

Rocha e Shimbo (2023) reforçam esse argumento ao analisar a influência do urbanismo neoliberal na produção dos empreendimentos habitacionais recentes. Para as autoras, predomina um modelo produtivista orientado pela quantidade de unidades habitacionais em detrimento da qualidade urbana, resultando em projetos padronizados, implantados nas franjas da cidade e marcados pela lógica do lucro e da redução de custos (processo que denominam de “política do carimbo”). Essa produção massiva não apenas marginaliza espacialmente, mas também agrava a aridez e a homogeneidade da paisagem urbana, com profundos impactos no cotidiano dos moradores. Ainda, Damiani (1993) demonstra que o mercado imobiliário utiliza instrumentos normativos e projetuais para controlar e regular os conjuntos habitacionais, por meio da implantação massiva em áreas periféricas, da repetição tipológica, da precarização arquitetônica e do empobrecimento do projeto urbano, sobretudo no que se refere à residualidade dos espaços públicos.

Esses mecanismos evidenciam uma tentativa contínua de controlar e normatizar o cotidiano urbano, produzindo estigmas e uma uniformização das periferias. Entretanto, estudos urbanos contemporâneos tensionam essa visão ao enfatizar a pluralidade das periferias a partir do conceito de “poliperiferia” (Richmond; Jesus; Legroux, 2025), que reconhece sua diversidade interna, suas singularidades e suas capacidades de transformação. Em contraposição ao caráter homogeneizador das políticas habitacionais, emergem questões fundamentais: como as periferias, em especial os conjuntos habitacionais, produzem heterogeneidades e singularidades no cotidiano? De que maneira a ação humana, as práticas sociais e a vida urbana ordinária constituem formas de (re)existência frente à padronização espacial e à precarização das condições de vida?



A partir dessas problematizações, este trabalho tem como objetivo compreender como territórios de conjuntos habitacionais expressam singularidades e heterogeneidades em contraposição às políticas habitacionais homogeneizadoras. A pesquisa opera na escala da micropolítica do cotidiano, buscando evidenciar como os moradores (re)inventam o espaço e produzem sentidos próprios para os territórios em que vivem. Para isso, propõe-se um estudo de caso no Conjunto João Domingos Netto, localizado na cidade de Presidente Prudente-SP, utilizando a pesquisa cartográfica como metodologia para acompanhar processos, práticas e transformações que constituem a vida cotidiana nesse território.

Territórios: Processos de Transformação

Para Deleuze e Guattari (1980), os territórios são produzidos por agenciamentos, entendidos como articulações dinâmicas de forças heterogêneas (práticas sociais, políticas, econômicas, ambientais e desejantes). Trata-se de uma produção maquínica, na qual expressões, práticas e fluxos se conectam, estabilizam e reconfiguram continuamente o espaço, tornando o território uma formação sempre inacabada e em transformação. Essa concepção desloca a ideia de território como mero suporte físico e o inscreve como um campo relacional e processual, constituído por múltiplas camadas de poder, práticas e significações. Haesbaert (2023) reforça essa perspectiva ao afirmar que o território é sempre resultado da articulação entre práticas materiais e simbólicas, envolvendo tanto dimensões de controle quanto de pertencimento. Assim, o território não é uma totalidade fixa, mas um campo relacional e múltiplo, onde é continuamente produzido e tensionado por diferentes forças.

Nesse quadro conceitual, Deleuze e Guattari compreendem os processos de transformação territorial a partir dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização. A desterritorialização corresponde ao enfraquecimento das formas e práticas que antes estabilizavam um território, abrindo-o a linhas de fuga e a novos fluxos (Guattari; Rolnik, 1993). Embora seja um processo imanente à dinâmica territorial, pode ser instrumentalizado como mecanismo de dominação, operado pelo Estado, pelo mercado imobiliário ou por mudanças econômicas estruturais (Haesbaert, 2023). Já a reterritorialização implica a recomposição posterior, não como retorno ao que existia, mas como criação de novos arranjos, usos e modos de vida. Toda desterritorialização cria um campo de possibilidades (Guattari; Rolnik, 1993), e, como aponta Haesbaert (2023), esses movimentos de reterritorialização podem assumir formas de afirmação de existências e resistência, confrontando hierarquias e reconfigurando o território por meio da ação coletiva e do cotidiano.

Esses processos se dão em uma lógica rizomática, em uma ordem de coexistência e não de sucessão linear ou hierárquica. O rizoma, como propõem Guattari e Rolnik (1993), opera por conexões transversais, flexíveis e contínuas, nas quais as transformações não obedecem a uma ordem rígida, mas emergem de múltiplos agenciamentos simultâneos. Nessa lógica, a desterritorialização e reterritorialização são processos indissociáveis: sempre que um território se desestabiliza (movimento de desterritorialização), simultaneamente surgem novas formas, arranjos de existência (reterritorialização) (Haesbaert; Bruce, 2002). Não se trata, portanto, de duas etapas sucessivas, mas de um único processo composto por forças que desestabilizam e, ao mesmo tempo, recomponham o território. É como se o território estivesse continuamente escapando de uma forma e se reorganizando em outra, num dinamismo permanente que evidencia seu caráter processual e múltiplo.



Ao pensarmos nos territórios periféricos, especialmente os conjuntos habitacionais de interesse social, torna-se evidente como os processos de desterritorialização e reterritorialização operam na produção das periferias urbanas. Embora concebidos pelo Estado a partir de um modelo homogeneizador, segregado e rigidamente normatizado, tais conjuntos não permanecem fixos às intenções hegemônicas que os estruturam. Pelo contrário, como propõem Richmond, Jesus e Legroux (2025), as periferias devem ser compreendidas como poliperiferias, isto é, formações múltiplas e heterogêneas atravessadas por temporalidades, presenças estatais diferenciadas, modos de vida diversos e práticas cotidianas singulares. Tais processos revelam no tempo, processos contínuos de transformação: rupturas, desvios, reinvenções e recomposições que expressam movimentos simultâneos de desterritorialização e reterritorialização.

Micropolítica: Produção de Subjetividade

Seguindo a discussão desenvolvida anteriormente sobre a produção territorial como processo dinâmico marcado por desterritorializações e reterritorializações, propomos aqui uma abordagem ancorada na escala micropolítica (Deleuze; Guattari, 1980). Essa escolha metodológica parte do entendimento de que as transformações territoriais não emergem inicialmente nas grandes estruturas, mas se manifestam primeiramente nas microdinâmicas do cotidiano, nas práticas ordinárias que tensionam, deslocam e reconfiguram o território desde dentro. A micropolítica opera justamente nesse plano das intensidades, dos afetos e dos processos de subjetivação, configurando a porção da política “relacionada aos desejos que movem uma sociedade individual e coletivamente” (Dias; Leite, 2021, p. 63).

A leitura de Paola Jacques (2001) sobre as transformações no Complexo da Maré reforça essa perspectiva ao demonstrar que o projeto urbanístico e arquitetônico não encerra a vida urbana: o tempo cotidiano o devolve ao movimento, reconfigurando-o continuamente. Para a autora, o território se transforma pela relação intrínseca entre espaço e tempo, enquanto o projeto espacializa o tempo, as vivências cotidianas, temporaliza o espaço, inscrevendo nele marcas de uso, apropriações, improvisações e personalizações. Esses processos tornam visíveis as primeiras linhas de fuga e recomposições territoriais dentro de conjuntos inicialmente concebidos para serem rígidos, estáveis e homogêneos (Jacques, 2001).

Essas transformações produzem aquilo que Guattari e Rolnik (1993) chamam de processos de subjetivação: modos de vida que se afirmam contra as tentativas de uniformização e controle. A singularidade, para os autores, é um processo vivo, criativo e aberto, pelo qual os sujeitos produzem novas formas de sentir, agir e habitar. Guattari propõe uma micropolítica da singularização, que aposta na invenção coletiva de novos modos de existência capazes de subverter os dispositivos homogeneizadores (Guattari; Rolnik, 1993).

No contexto dos conjuntos habitacionais de interesse social (espaços concebidos pelo Estado seguindo uma racionalidade homogeneizadora, segregada e rigidamente normatizada) a escala micropolítica revela-se fundamental. Como discutido, esses conjuntos são implantados segundo lógicas macroestruturais, seja por meio de políticas públicas, seja pela atuação do mercado imobiliário e pelo desenho urbano. Contudo, é nas práticas cotidianas dos moradores que se iniciam os movimentos de desterritorialização e (re)territorialização, os quais introduzem novas marcas, novos usos, novas temporalidades e novas formas de vida. São essas práticas que rompem com a homogeneidade planejada e evidenciam a heterogeneidade constitutiva das periferias.



Ressignificação dos Territórios: Práticas Cotidianas

É exatamente aqui que a ação e potência humana assume papel central. Como aponta Michel de Certeau (1998), é pela ação concreta dos corpos na cidade (caminhar, parar, desviar, ocupar, narrar) que surgem modos de fazer, saberes, linguagens e simbolismos que escapam das regulações formais. O urbano não se reduz ao planejado, ele é produzido de dentro, pela experiência de seus caminhantes e habitantes, aqueles que fazem da cidade um campo de invenção e não apenas de uso (Certeau, 1998). A cidade, assim, só pode ser compreendida a partir de quem a vive.

Essa atenção ao cotidiano indica a importância do ato de habitar como elemento fundamental dos processos de ressingularização territorial. Pallasmaa (2016) resgata o habitar como experiência sensível e existencial: mais do que ocupar um espaço, habitar é transformá-lo, torná-lo lugar, impregnando-o de memórias, afetos e significados. O espaço construído, por mais homogêneo e repetitivo que seja, nunca é plenamente determinado; ele sempre se abre a apropriações, e usos desviantes, a temporalidades próprias. O habitar, portanto, é um gesto criador e político (Pallasmaa, 2016).

É nesse encontro entre micropolítica e habitar que podemos compreender o que Félix Guattari (1987) denomina revoluções moleculares. Para o autor, são revoluções que não se dão nas macroestruturas, Estado, leis, instituições, mas nas “moléculas da vida”, nos microgestos, nos afetos, nas relações interpessoais, nos modos de perceber e de desejar. São movimentos pequenos, porém potentes, que produzem modos de vida singulares e resistem à padronização das subjetividades promovida pelo capitalismo (Guattari, 1987). Uma mudança no ritmo do caminhar, uma nova forma de socialidade, um uso inventivo do espaço, uma reorganização das relações de vizinhança, tudo isso são formas de romper com as lógicas dominantes, de instaurar outras possíveis.

Para Guattari e Rolnik (1993) produzir uma subjetividade singular é, portanto, um ato de revolução. Cada gesto criativo, cada desvio dos hábitos impostos, cada laço comunitário que subverte a lógica individualizante, funciona como uma micro-resistência que abre fissuras no território e reconfigura seu sentido. Essas revoluções podem parecer diminutas, mas são elas que sustentam, silenciosamente, as transformações mais amplas, as reterritorializações que reescrevem o espaço urbano.

No caso dos conjuntos habitacionais de interesse social, essas dinâmicas se tornam ainda mais visíveis. Projetados pelo Estado como espaços homogêneos, isolados e controlados, esses conjuntos nascem de uma territorialização rígida, muitas vezes descolada dos modos de vida abstratos. Porém, ao serem habitados, começam a se singularizar. Pequenas práticas cotidianas como as transformações das fachadas, cultivo de plantas, ocupar a rua, criar redes de apoio, redesenhar trajetos, instalar comércios informais, redefinir usos coletivo, introduzem singularidades onde antes havia padronização. São processos micropolíticos que desterritorializam a forma original e constroem novas territorialidades vivas, heterogêneas e temporalmente complexas. É nesse movimento que o conjunto habitacional deixa de ser um artefato estatal homogêneo e se torna um território em disputa, em invenção contínua: uma poliperiferia onde as revoluções moleculares do habitar reconfiguram a paisagem urbana e revelam a potência transformadora dos corpos que a ocupam.



Procedimentos Metodológicos

A natureza desta pesquisa, centrada nas transformações micropolíticas do território e nas práticas cotidianas que singularizam o Conjunto Habitacional João Domingos Netto, exige uma abordagem metodológica capaz de captar processos, forças e afetos. Diante disso, adota-se o método cartográfico, articulando dois movimentos: o caminhar e o cartografar. Essa escolha dialoga diretamente com o objetivo do trabalho: acompanhar, na escala corpo–espaço–tempo, como se produzem processos de desterritorialização e reterritorialização que emergem das práticas ordinárias do habitar.

O primeiro movimento metodológico é o caminhar, entendido não como simples deslocamento, mas como prática de (re)conhecimento sensível de apreensão urbana. A caminhada, historicamente explorada como ato crítico, especialmente pela Internacional Situacionista, cuja deriva buscava romper com a passividade urbana imposta pelo urbanismo modernista (Jacques, 2022), fornece aqui não um gesto insurgente em si, mas um procedimento de investigação alinhada à micropolítica do cotidiano.

O caminhar proposto neste trabalho, também dialoga com as práticas de Francesco Careri (2013), para quem o caminhar é um gesto de transurbância, isto é, uma prática estética e crítica que revela camadas invisíveis do território: simbólicas, afetivas, históricas e sociais. No contexto desta pesquisa, o caminhar permite tocar a realidade cotidiana do conjunto habitacional, apreendendo o espaço enquanto experiência situada, relacional e sensorial.

Baseado nas derivas situacionistas e nas transurbâncias de Careri delimita-se uma prática metodológica para este trabalho. O procedimento é guiado por um percurso pré-definido, com início e fim, mas aberto à lógica dos estímulos, como sugere Michel de Certeau (1998): sons, cheiros, encontros, desvios, afetos. O trajeto é registrado via GPS (Strava), complementado por fotografias, vídeos, anotações de campo e pelo diário de bordo, onde são descritas sensações, práticas observadas e singularidades do percurso. O corpo torna-se instrumento de apreensão territorial, e o caminhar, meio de acessar modos de vida, usos e microtransformações que escapam a análises distantes ou meramente descritivas.

O segundo movimento é o cartografar, entendido segundo a perspectiva de Passos, Kastrup e Escóssia (2009): não como representação de um objeto, mas como acompanhamento de processos. A cartografia pressupõe um método aberto, não prescritivo, que se faz no encontro entre pesquisador, campo e sujeitos. Trata-se de produzir uma leitura imanente do território, permitindo-se ser afetado por ele, acolhendo suas forças, tensões e potências (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

A cartografia opera segundo uma transversalidade: um plano no qual elementos heterogêneos se comunicam (corpos, objetos, temporalidades, afetos, práticas). A prática cartográfica é seguir as linhas que compõem esse plano, percebendo continuidades e rupturas, movimentos de desterritorialização e reterritorialização, singularizações e resistências.

No contexto deste trabalho, entende-se que o método cartográfico ainda se encontra em processo de amadurecimento. Os procedimentos aqui desenvolvidos constituem aproximações iniciais, exploratórias, voltadas ao reconhecimento do conjunto habitacional e à apreensão das dinâmicas territoriais que emergem do cotidiano.



Esta abordagem dialoga com experiências acumuladas pelo grupo de pesquisa GPARC (Projeto, Arquitetura e Cidade), que desenvolve metodologias críticas baseadas na experiência urbana, na prática do caminhar e na produção de cartografias sensíveis.

A articulação entre caminhar e cartografar gera expressões cartográficas, dispositivos e ferramentas analíticas que condensam e organizam as transformações territoriais apreendidas em campo. Três expressões são produzidas: (1) cartografia de verbos; (2) cartografia de sensações; (3) cartografia de

(1) Cartografia dos verbos: Mapeia as ações apreendidas no campo: desde práticas materiais (andar, trabalhar, plantar, construir improvisos) até ações subjetivas (inventar, ressignificar, cuidar, apropriar). Os verbos revelam a cidade enquanto prática, dando visibilidade aos modos de habitar e produzir espaço. (2) Cartografia das sensações: Aproxima-se da fenomenologia do habitar, registrando estímulos sensoriais (sons, cheiros, temperatura, texturas, luminosidade) que configuram atmosferas territoriais e afetam diretamente a experiência urbana. (3) Cartografia das pistas: Consiste nos rastros materiais recolhidos nas caminhadas: objetos, marcas de uso, adaptações, construções informais, sinais de apropriação. São índices das micropolíticas cotidianas que transformam o território.

Essas três expressões, quando sobrepostas, revelam o território como camadas em interação: o fazer (verbos), o sentir (sensações), e o marcar (pistas). Juntas, tornam visíveis os processos dinâmicos e contínuos de transformação territorial.

O Conjunto Habitacional João Domingos Netto

O Conjunto Habitacional João Domingos Netto (Figura 01) constitui o maior empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) na região de Presidente Prudente. Entregue em 2015, o conjunto abriga mais de 10 mil moradores, configurando-se como um dos principais vetores de expansão urbana da zona norte da cidade. A análise aqui proposta adota a estrutura metodológica de Ferreira et al. (2012), que organiza o estudo de conjuntos habitacionais em três escalas: inserção urbana, implantação e projeto urbano.

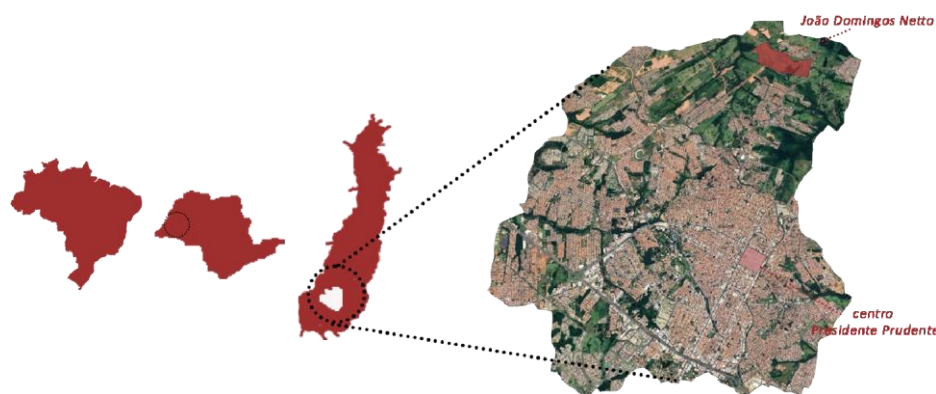


Figura 01: Localização do Conjunto Habitacional João Domingos Netto. Fonte: Google Earth, 2025.

Localizado aproximadamente 7 km do centro urbano, na zona norte de Presidente Prudente, o João Domingos Netto insere-se em um contexto marcado por dinâmicas de segregação socioespacial (Vieira, 2019). A segregação manifesta-se tanto na distância física em relação ao centro quanto na insuficiência de acessos e mobilidade: até 2025, segundo a Carta Viária de

Presidente Prudente (2014), o bairro dispunha de apenas uma via de entrada e saída, a Rodovia Raimundo Maiolini.

O empreendimento foi implantado em uma área de vazio urbano e baixa oferta de comércio e equipamentos públicos, reproduzindo um padrão de urbanização periférica concentrada e homogênea. No entorno imediato, verificam-se outros conjuntos de interesse social implantados na mesma década (Residencial Bela Vista I, Residencial Cremonesi e Jardim Morada do Sol) reforçando a monofuncionalidade residencial e a baixa diversidade urbana da zona norte. Essa homogeneidade é condicionada pelo próprio zoneamento municipal (2014), que destina essa porção da cidade predominantemente a usos residenciais de média densidade e de interesse social, limitando os potenciais de mistura de usos.

Na escala da implantação, o conjunto apresenta 2.343 unidades habitacionais, distribuídas em ocupação de média densidade, com casas unifamiliares e ausência de diversidade tipológica. A legislação urbanística local, que restringe a altura edificada a no máximo dois pavimentos, contribui para essa homogeneidade (Presidente Prudente, 2014). O bairro conta com sete praças públicas e aproximadamente 9,01% de sua área total destinada a áreas verdes; contudo, tais áreas não foram integradas de modo estratégico ao traçado urbano, o que compromete sua função ambiental e social (Vieira, 2019).

Outro aspecto relevante é a pouca consideração à topografia natural. O conjunto foi desenhado a partir de um eixo estruturador plano, enquanto as vias paralelas foram lançadas sobre áreas íngremes, gerando declividades acentuadas que dificultam o caminhar cotidiano e a apropriação de espaços públicos. Essa desconexão entre projeto e relevo reforça o caráter padronizado e pouco sensível das implantações.

No que concerne ao projeto urbano, algumas fragilidades tornam-se evidentes. As ruas possuem largura ampliada, chegando a 10 metros, e os cruzamentos ultrapassam 20 metros, configurando um sistema viário superdimensionado para um bairro onde o uso de automóveis é limitado e grande parte da população depende do deslocamento a pé. A ausência de arborização nas calçadas, a falta de sombreamento e o desenho pouco amigável ao pedestre reforçam a inadequação do projeto aos modos de vida cotidianos dos moradores.

As praças, apesar de numerosas, apresentam baixa qualidade projetual e de manutenção, caracterizando-se como áreas residuais, com poucos equipamentos, escassa vegetação, ausência de mobiliário urbano e de iluminação adequada (Pereira; Ayoub, 2024). Assim, os espaços públicos deixam de cumprir seu papel social como áreas de convivência, lazer e encontro, tornando-se gradualmente subutilizados e degradados.

As unidades habitacionais foram entregues sem fechamento frontal, o que levou cada família a construir seu próprio muro ou grade, resultando em uma paisagem marcada pela heterogeneidade improvisada de materiais e formas. Essa diversidade, embora não prevista no projeto original, evidencia práticas de adaptação e singularização dos moradores frente à padronização inicial.

Resultados: Reconhecimentos dos Processos Territoriais

A etapa empírica da pesquisa teve início com um trabalho de campo, que possibilitou o reconhecimento territorial conduzida por meio da caminhada, método que permite apreender o território desde dentro, pela fricção entre corpo, espaço e cotidiano. A caminhada ocorreu em 30



de setembro de 2025, entre 9h57 e 12h25, atravessando as praças 04 a 07 (Figura 02) do Conjunto Habitacional João Domingos Netto (CHJDN). A temperatura elevada, oscilando entre 30°C e 33°C, tornou-se elemento constitutivo da experiência, intensificando a dimensão sensível e afetiva da leitura do território.



Figura 02: Percurso realizado no CH João Domingos Netto. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Desde os primeiros passos, tornou-se evidente que caminhávamos por um território onde a presença humana não se expressava majoritariamente pela ocupação física das praças, mas pelos rastros, pelos sons, pelos cheiros e pelas materialidades das ações dos moradores. A aparente ausência de corpos não se traduzia em vazio social: a cidade se fazia ouvir, cheirar, ser sentida. Os moradores cozinhavam, trabalhavam, caminhavam rumo ao mercado, transitavam para o emprego, produziam barulho e odor, práticas ordinárias que compõem os processos existenciais que desterritorializa e reterritorializa o bairro, modos outros de fazer cidade que escapam às prescrições formais e frequentemente contestam os limites e usos impostos pelo projeto urbano original.

Verbos: Ações que produzem território

A primeira expressão gráfica, construída a partir do mapeamento dos verbos, evidencia um conjunto de ações (humanas e não humanas) que operam como forças transformadoras do território (Figura 03). As imagens mostram verbos como apropriar, acumular, brotar, cuidar, caminhar, regenerar, brincar, reorganizar, comercializar, acolher, entre outros. Estes verbos materializam não apenas práticas, mas vetores micropolíticos que singularizam as praças e ruas do CHJDN, produzindo rupturas, descontinuidades e pequenas reconfigurações nos modos de habitar.

Essa cartografia revela que as praças não são homogêneas: cada uma possui um repertório próprio de ações e forças. Nas praças 01 e 02, por exemplo, os verbos associados ao cultivar emergem de forma contundente, indicados pelas mudas plantadas, pelos pequenos jardins que transbordam das casas para as calçadas e se derramam até os espaços públicos. Já as praças 03, 06 e 07 expressam

o verbo brotar, não pela ação humana, mas pela emergência da vegetação espontânea, uma reterritorialização da natureza que resiste à aridez e à ausência de manejo por meio de flores, herbáceas e pequenos arbustos que criam micro refúgios ambientais.

Nas praças 04 e 05, contudo, outro conjunto de verbos se impõe: acumular, descartar, queimar, ações ligadas ao depósito de resíduos, restos de obra e lixo doméstico. Tais práticas não devem ser interpretadas apenas como degradação urbana, mas como formas de produção territorial, ainda que em chave problemática, que reconfiguram espacialidades, geram estigmas, moldam usos e evidenciam precariedades estruturais do planejamento e da gestão pública.



Figura 03: Cartografia de verbos: ações cotidianas e existenciais. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A cartografia dos verbos, portanto, atua como espelho das micropolíticas do bairro: onde há brincar, cuidar, cultivar, há pulsação comunitária; onde há acumular lixo ou descartar restos, há fragilidades estruturais e disputas entre modos de uso e, ainda assim, há ação, há produção territorial.

Sensações: A dimensão sensível como operadora do espaço

A segunda expressão gráfica traduz a experiência sensorial da caminhada, materializando o que se viu, ouviu, cheirou e tocou ao longo do percurso. A cartografia (Figura 04) evidencia uma relação direta entre ausência de vegetação, excesso de sol e pouca permanência nas praças. O calor intenso, aliado à inexistência de sombras, transforma o ato de caminhar em um esforço físico considerável, conformando uma micropolítica do desconforto que molda escolhas espaciais: as pessoas caminham apenas por necessidade, “para ir a algum lugar”, e não para usufruir o espaço.

As sensações sonoras também revelam territorialidades: sons de motos, obras e música (principalmente pagode e gospel) configuram uma ambiência doméstica expandida para o espaço público. O espaço comunitário se torna extensão da casa, cheiros de comida, panela de pressão, frituras, revelando uma permeabilidade entre interior e exterior que é profundamente característica dos conjuntos habitacionais de interesse social.

A vegetação, embora escassa em muitas praças, quando presente produz ilhas de frescor, atraindo pássaros, insetos e microecossistemas. A presença de arbustos e frutíferas nas praças 01 e 02, por exemplo, altera a sensação térmica, criando microclimas percebidos pela pele e, por consequência, influenciando a permanência e o deslocamento dos moradores.

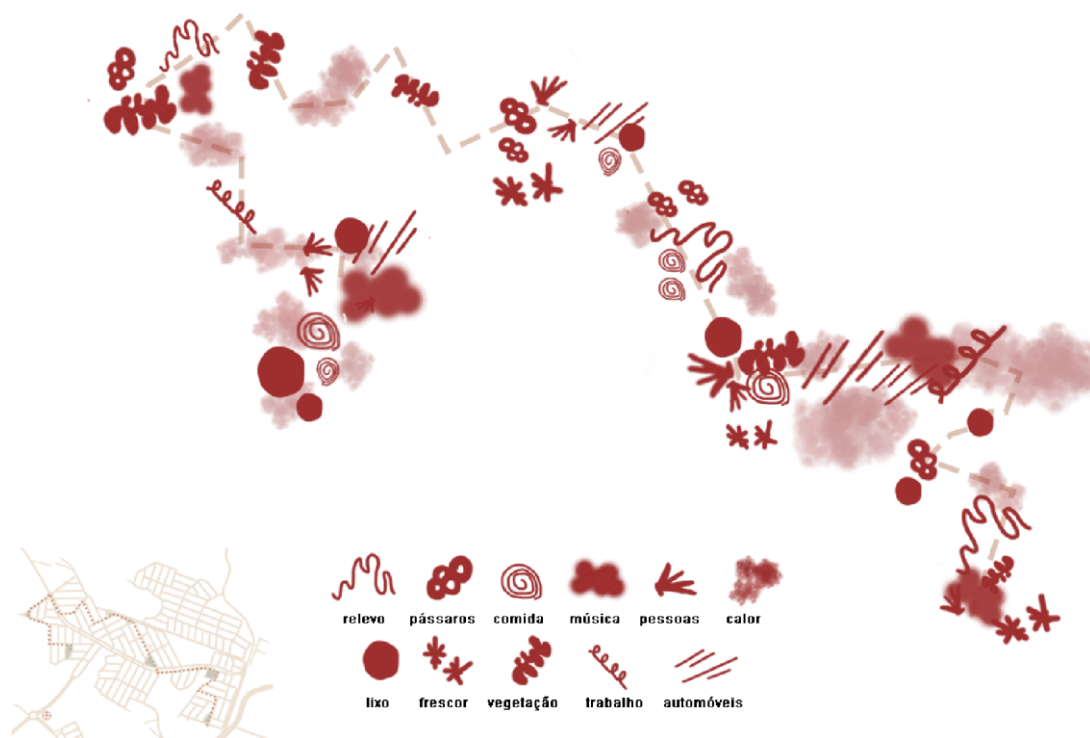


Figura 04: Cartografia de sensações: afetações do território. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

A cartografia das sensações evidencia, portanto, que a dimensão sensível não é mero adorno perceptivo: ela condiciona usos, orienta práticas, produz preferências e configura desigualdades internas no próprio CHJDN.

Pistas: Rastros que espacializa os usos

A terceira expressão gráfica, construída por meio da coleta de objetos, evidencia rastros que revelam usos (Figura 05) que não presenciamos diretamente, mas que permanecem materializados no espaço. As imagens mostram resíduos domésticos, cartelas de ovos, restos de obra, sacolas, brinquedos quebrados, rabos de pipa, bitucas de cigarro, embalagens de bebidas alcoólicas, lápis de cor, frutas caídas, folhas, flores. Esses objetos funcionam como **pistas** das práticas cotidianas, rastros que permitem reconstruir narrativas de uso, apropriação e conflito.

Nas praças 04 e 05 foram coletados restos de obra, sacolas e lixo residencial, tais objetos indicam que essas praças foram territorializadas como pontos de descarte, revelando tanto necessidades não atendidas (infraestrutura, coleta seletiva, logística do lixo) quanto apropriações funcionalizadas do espaço público. A estética da degradação produz estigmas, mas também evidencia práticas sociais consolidadas.

Já nas praças 03, 06 e 07 as coletas e pistas se relacionavam com a natureza, folhas, flores, frutos, sementes e o próprio crescimento espontâneo são indícios da reterritorialização da natureza. Onde

O brincar infantil foi mapeado por objetos nas praças 01 e 05, rabos de pipa, lápis de cor, brinquedos, chupetas e marcas de desenhos no chão mostram que, apesar das adversidades, o brincar se faz presente. O território é refeito pelas crianças, que inscrevem marcas sensíveis e simbólicas que personalizam as praças e subvertem a lógica da padronização arquitetônica.

A collage of various objects including leaves, insects, plastic bottles, a map, and a fork, connected by dashed lines, illustrating the interconnectedness of different elements in a system.

O caminhar e o cartografar constituíram movimentos fundamentais para este primeiro reconhecimento do bairro, permitindo uma apreensão inicial dos fenômenos e processos que atravessam o território. A ida a campo, guiada pela disponibilidade em ser afetado e em acompanhar forças, revela que além dos elementos físicos e estruturais, questões existenciais e micropolíticas se mostram decisivas na produção de subjetividades e na singularização do espaço. É por meio dessas práticas ordinárias, muitas vezes imperceptíveis em leituras exclusivamente

morfológicas, que se transformam espacialidades, instaurando novas relações entre corpo, tempo e ambiente.

Singularidades do Habitar: Movimentos Desviantes

A articulação entre as três expressões cartográficas (Figura 06), verbos (ações), sensações (afetações) e pistas (materialidades), permite compreender o Conjunto Habitacional João Domingos Netto (CHJDN) como um território cuja vida escapa e ultrapassa o projeto planejado. Embora concebido como um empreendimento homogêneo, padronizado e periférico, o conjunto revela, em sua experiência cotidiana, uma dinâmica intensa de transformação, produzida pelas práticas micropolíticas dos moradores.

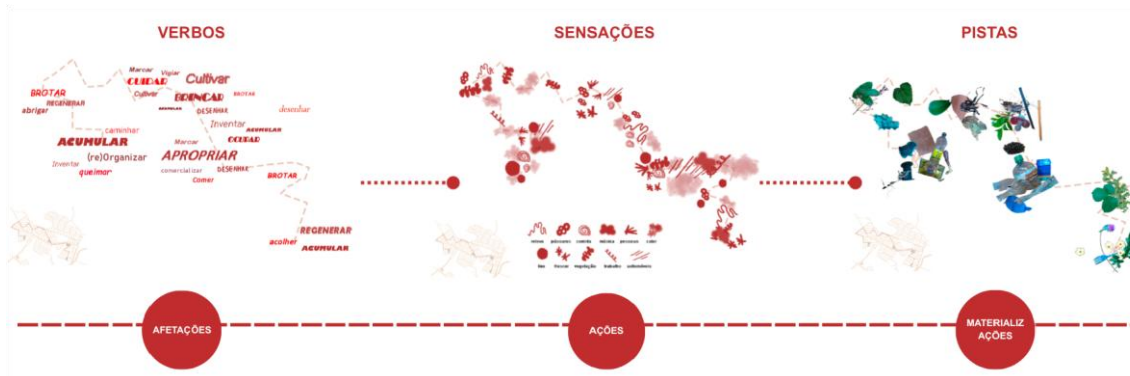
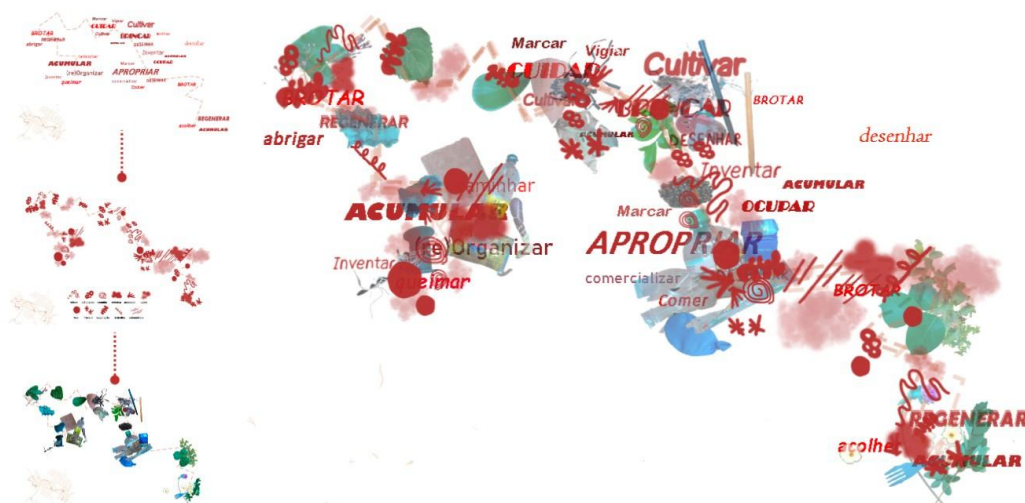


Figura 06: Diagrama de camadas: expressões territoriais. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Essas camadas, quando sobrepostas (Figura 07), evidenciam que o território está permanentemente atravessado por movimentos simultâneos de desterritorialização e reterritorialização. Desterritorializam-se as normas e lógicas rígidas impostas pelo planejamento estatal; reterritorializam-se novos modos de viver, habitar e apropriar-se do espaço. O território, assim, deixa de ser visto como uma “forma acabada” e passa a ser compreendido como um campo de forças, continuamente produzido pelos corpos, afetos e práticas ordinárias, aquilo que Deleuze e Guattari identificam como processos maquínicos do cotidiano.



No processo de apreensão urbana, vemos que as primeiras singularizações não emergem necessariamente nas praças ou ruas, mas nas escalas mais íntimas e do cotidiano. O habitar, entendido como prática ativa, sensível e produtiva, torna-se o operador fundamental dessas transformações. Como afirma Pallasmaa (2016, p.07), “o ato de habitar é o meio fundamental pelo qual nos relacionamos com o mundo” é nele que se inscrevem simbolismos, ritmos e identidades que escapam às determinações arquitetônicas iniciais.

Do mesmo modo, Michel de Certeau (1998) aponta que os “modos de fazer” cotidianos criam linguagens e simbolismos que emergem de dentro da cidade. São os caminhantes, pedestres e habitantes que detêm um domínio concreto do território, não pela posse formal, mas pela experiência vivida que produz sentido, memória e pertença.

Nesse sentido, o caminhar pelo CHJDN revelou que cada gesto aparentemente ordinário, um plantio espontâneo, o acúmulo de objetos, a sombra construída, a circulação desviada, os rastros da sociabilidade juvenil, as marcas de cuidado e também de abandono, compõe o que Guattari (1987) chama de revoluções moleculares. São movimentos sutis, cotidianos e difusos que criam subjetividades e modos de vida singulares, resistindo à homogeneização urbana e às normatizações do capital imobiliário. Revoluções que não se dão nas grandes escalas institucionais, mas nas “moléculas” da vida: nos afetos, nos corpos, nos gestos, nos encontros.

Essa perspectiva é fundamental para compreender a produção do espaço nas periferias. Como afirmam Richmond, Jesus e Legroux (2025, p. 5), “definir a periferia urbana como um tipo de território popular não implica fixidez e homogeneidade; ao contrário, ressalta-se a rapidez das mudanças nos territórios periféricos”. A heterogeneidade é produzida pelas práticas cotidianas, pelos arranjos domésticos, pelo comércio informal e pelo trabalho coletivo dos moradores. Os autores reforçam que “a consolidação dos bairros ao longo do tempo decorre do trabalho individual e coletivo de seus moradores para melhorar suas casas e implementar grande parte do comércio e dos pequenos serviços” (Richmond; Jesus; Legroux, 2025, p. 6).

No CHJDN, essa dinâmica aparece de forma evidente. As transformações mais profundas começam na escala da residência: fechamentos das casas, construção de garagens, diversidade de materiais, plantios nas calçadas, personalizações que produzem fachadas plurais. São gestos que revelam apropriações e singularizações que transformam o bairro de dentro para fora (Figura 08). Gradualmente, tais ações repercutem no espaço público, na construção espontânea de mobiliários, na reorganização das praças, na presença de rastros de lazer e sociabilidade, na produção de ambiências que reconfiguram a paisagem.

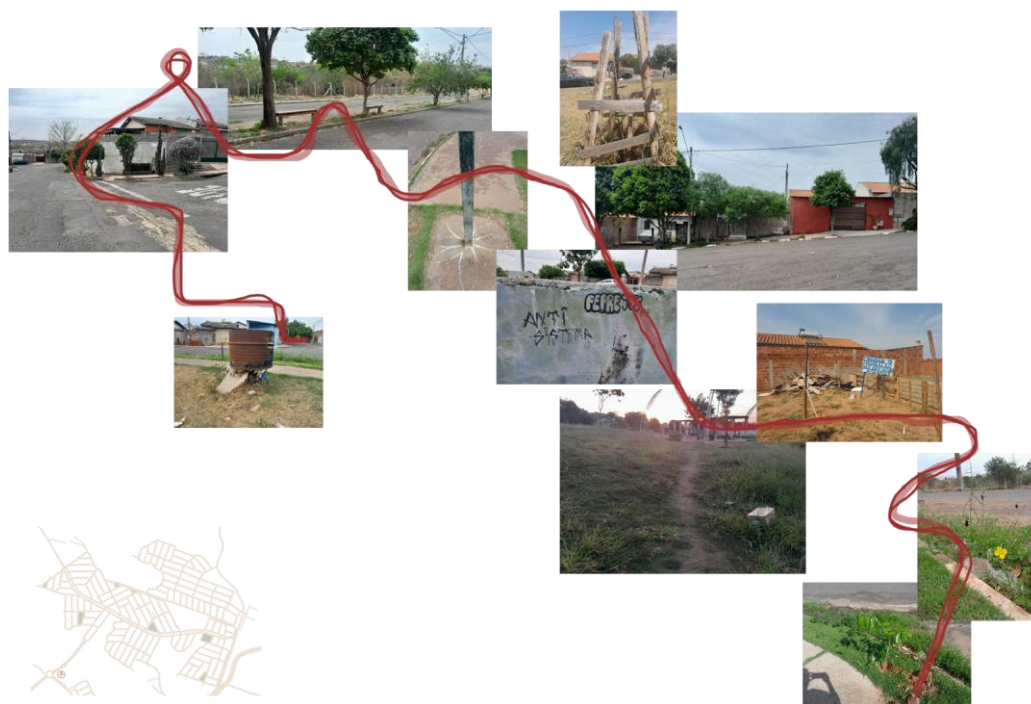


Figura 08: Colagem: Novas espacialidades. Fonte: Elaborado pelos autores, 2025.

Esses movimentos configuram aquilo que Jacques (2001, p. 149) denomina espaço-movimento, é o movimento que se faz não apenas pelo deslocamento no espaço físico, mas “a experiência de percorrê-lo e o movimento do próprio espaço em transformação”. Assim, o CHJDN se apresenta como uma poliperiferia, múltipla e heterogênea, onde diferentes territorialidades coexistem e disputam sentidos, revelando que mesmo em um empreendimento concebido de forma homogênea, os moradores produzem pluralidade, reinvenção e vida.

Por fim, é dessa escala molecular, cotidiana, afetiva e micropolítica, que emergem os primeiros processos de organização comunitária e reivindicação de direitos. A consolidação física acompanha a consolidação social e política: associações de moradores, coletivos, mobilizações por infraestrutura, que recentemente resultaram na implantação de escolas, creche e nova via de acesso.

Assim, as transformações do CHJDN revelam que é no cotidiano que se iniciam os processos de resistência, invenção e produção de novas espacialidades. São transformações silenciosas, mas profundas, que mostram a potência do habitar como força territorial, subjetiva e política, uma verdadeira revolução molecular em curso.

Considerações Finais

Este artigo buscou compreender como os conjuntos habitacionais de interesse social, frequentemente concebidos a partir de lógicas homogeneizadoras e segregadoras, produzem, no cotidiano, processos de singularização capazes de tensionar e reconfigurar o território. A partir do estudo de caso do Conjunto Habitacional João Domingos Netto, em Presidente Prudente-SP, demonstrou-se que o território não se reduz ao projeto urbano ou às determinações institucionais que o originam, mas é continuamente produzido por práticas micropolíticas, afetos, usos desviantes e modos de habitar que emergem da vida ordinária dos moradores.

A abordagem cartográfica, articulada ao caminhar como procedimento metodológico, mostrou-se fundamental para apreender essas transformações desde dentro do território. As cartografias de verbos, sensações e pistas permitiram evidenciar que o espaço urbano é atravessado por camadas simultâneas de ação, percepção e materialidade, revelando processos contínuos de desterritorialização e reterritorialização. Tais processos não operam de forma linear ou sucessiva, mas de maneira rizomática, produzindo recomposições territoriais que expressam tanto fragilidades estruturais quanto potências de invenção e resistência.

Os resultados indicam que o habitar atua como operador central dessas transformações. Mesmo em um conjunto marcado pela padronização arquitetônica, pela precariedade dos espaços públicos e pela segregação urbana, os moradores produzem heterogeneidades por meio de práticas cotidianas que reconfiguram o território: adaptações das moradias, usos informais das praças, plantios espontâneos, redes de sociabilidade e apropriações temporais do espaço. Esses gestos, muitas vezes mínimos e silenciosos, configuram aquilo que Guattari denomina revoluções moleculares, processos micropolíticos que resistem à homogeneização e produzem novos modos de existência.

Ao evidenciar essas dinâmicas, o estudo contribui para tensionar leituras que compreendem os conjuntos habitacionais apenas a partir de déficits urbanos ou de uma lógica de carência. O Conjunto Habitacional João Domingos Netto revela-se, assim, como uma poliperiferia: um território múltiplo, atravessado por temporalidades diversas, disputas de sentido e práticas inventivas que transformam o espaço planejado em território vivido. Reconhecer essas micropolíticas do cotidiano não apenas amplia a compreensão sobre a produção do espaço periférico, como também aponta para a necessidade de políticas urbanas e projetos que considerem o habitar como processo ativo, sensível e criador, capaz de produzir cidade para além das prescrições formais.

Referências

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG Brasil, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

DAMIANI, Amélia Luísa. **A cidade (des)ordenada: concepção e cotidiano do conjunto habitacional Itaquera I**. 1993. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06092022-095524/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1980.

DIAS, Lígia; LEITE, Julieta. **Cidade e performatividade: rupturas normativas no espaço público informal — um estudo de caso na cidade do Recife, Brasil**. *Revista Lusófona de Estudos Culturais / Lusophone Journal of Cultural Studies*, Braga, v. 8, n. 1, p. 61–81, 2021. DOI: 10.21814/rlec.3198.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FERREIRA, João Sette Whitaker (coord.). **Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil urbano**. 1. ed. São Paulo: FUPAM, 2012.



HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 7–22, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Território. **GEOgraphia**, v. 25, n. 55, 2023.

JACQUES, Paola Berenstein. Cartografias da Maré. In: VARELLA, Drauzio; BERTAZZO, Ivaldo; JACQUES, Paola Berenstein. **Maré: vida na favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. p. 13–59.

JACQUES, Paola Berenstein. **Delírios ambulatórios e derivas urbanas. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, v. 20, p. 8–36, 2022. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2022.200061.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

MIRAFETAB, Faranak; HUQ, Efadul. Urbanizing social reproduction: (Re)thinking the politics of care in capitalist urban development. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 42, n. 2, p. 234–253, 2024. DOI: 10.1177/02637758241230179.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar: ensaios sobre a experiência humana do espaço**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, João Pedro; AYOUB, Thamine de Almeida. **O processo de deterioração das praças do Conjunto Habitacional João Domingos Netto (PMCMV)**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. **Anais...** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2024. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/enanparq8/851142-O-PROCESSO-DE-DETERIORACAO-DAS-PRACAS-DO-CONJUNTO-HABITACIONAL-JOAO-DOMINGOS-NETTO-\(PMCMV\)/](https://www.even3.com.br/anais/enanparq8/851142-O-PROCESSO-DE-DETERIORACAO-DAS-PRACAS-DO-CONJUNTO-HABITACIONAL-JOAO-DOMINGOS-NETTO-(PMCMV)/). Acesso em: 2 dez. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. Carta de zoneamento do uso e ocupação do solo urbano. **Lei Complementar nº 231/2018**. Presidente Prudente, 2018.

RICHMOND, M. A.; JESUS, P. M. de; LEGROUX, J. **Editorial: a “poliperiferia” e o “giro periférico” nos estudos urbanos**. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 27, n. 1, 2025. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202535pt.

ROCHA, Camila Mariana Gonçalves Vieira; SHIMBO, Lucia. **Buscando qualidade nos padrões: espaços livres nos projetos habitacionais do Programa Minha Casa Minha Vida**. **Oculum Ensaios**, v. 20, p. 1–19, 2023. DOI: 10.24220/2318-0919v20e2023a4956.

VIEIRA, M. P. Albano. **Qualidade ambiental na produção de habitação de interesse social em Presidente Prudente/SP: o caso dos conjuntos Ana Jacinta e João Domingos Neto**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2019.

